

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

GEOVANNY DA SILVA NASCIMENTO

PSICOSFERA E MIGRAÇÃO: SENTIDOS E PRÁTICAS DA EMIGRAÇÃO EM
GOVERNADOR VALADARES - MG

SÃO PAULO

2025

GEOVANNY DA SILVA NASCIMENTO

**PSICOSFERA E MIGRAÇÃO: SENTIDOS E PRÁTICAS DA EMIGRAÇÃO EM
GOVERNADOR VALADARES - MG**

Trabalho de Graduação Integrado (TGI) apresentado ao Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Geografia.

Área de Concentração: Geografia Humana

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Ramos Hospodar Felipe Valverde

SÃO PAULO

2025

SUMÁRIO

Resumo	4
Abstract	5
Introdução	6
Justificativa	14
Objetivos	15
Metodologia	16
Capítulo 1: Psicosfera e migração	17
Capítulo 2: Cultura e identidade	20
Capítulo 3: Comunidade de origem	23
Capítulo 4: Processo migratório	26
Capítulo 5: Expectativa x Realidade	32
Conclusão	38
Referências	43
Anexos	46

RESUMO

Este trabalho investiga a cultura da migração internacional a partir do caso de Governador Valadares (MG), cidade brasileira popularizada pela emigração para os Estados Unidos desde a década de 1940. A pesquisa parte da compreensão da migração como fenômeno multifacetado, que vai além do deslocamento físico e se constitui como prática cultural. Em Valadares, migrar se tornou comum, estruturando identidades, aspirações e o próprio espaço urbano, marcado pela presença simbólica norte-americana. A metodologia adotada combina revisão teórica interdisciplinar e entrevistas com migrantes valadarenses residentes nos EUA, buscando captar suas motivações, experiências e estratégias de manutenção de vínculos com o Brasil. Os resultados revelam as ambiguidades da experiência migratória, que oscila entre oportunidades econômicas e rupturas afetivas, entre o ideal do “sonho americano” e as realidades de precarização, clandestinidade e racismo e xenofobia. A análise se apoia em diversos autores para discutir os processos de territorialização, cultura, hábitos, subjetividade e identidade. Conclui-se que a cultura migratória valadarense é uma construção social dinâmica e contraditória, em constante negociação pelo pertencimento, e que revela muito sobre os impactos da globalização e da transnacionalidade na vida cotidiana.

Palavras-chave: Cultura da Migração. Identidade Cultural. Governador Valadares. Estados Unidos. Psicosfera.

ABSTRACT

This paper investigates the culture of international migration by examining the case of Governador Valadares (MG), a Brazilian city that has become popularized by its long history of emigration to the United States, dating back to the 1940s. The research conceives of migration as a multifaceted phenomenon, one that transcends mere physical displacement to constitute a cultural practice. In Governador Valadares, the act of migrating has become a normative practice that structures local identities, aspirations, and the urban landscape itself, which is imbued with a symbolic American presence. Methodologically, this study employs a combination of interdisciplinary literature review and in-depth interviews with Valadarensian migrants living in the U.S. to explore their motivations, experiences, and strategies for maintaining transnational ties. The findings underscore the inherent ambiguities of the migrant experience, which vacillates between economic opportunity and emotional rupture, and between the idealized “American dream” and the harsh realities of precarious labor, undocumented status, racism, and xenophobia. Drawing upon a range of scholarly works, the analysis discusses key processes of territorialization, culture, habitus, subjectivity, and identity. The study concludes that the migratory culture in Governador Valadares is a dynamic and contradictory social construction, characterized by a continuous negotiation of belonging, that sheds critical light on the impacts of globalization and transnationalism on daily life.

Keywords: Migration Culture, Cultural Identity, Governador Valadares, United States, Psychosphere.

INTRODUÇÃO

As migrações internacionais constituem um fenômeno complexo e multifacetado da história social contemporânea, envolvendo deslocamentos que transcendem os limites geográficos e atingem profundamente os campos simbólico, afetivo, cultural e subjetivo. Migrar, mais do que partir de um lugar, é reconfigurar modos de vida, redes de pertencimento e identidades. Em um mundo marcado por intensas desigualdades econômicas, políticas e culturais, o movimento migratório se apresenta simultaneamente como estratégia de sobrevivência, projeto de futuro e prática social impregnada pelo imaginário coletivo, imaginário este que será interpretado por meio do conceito de psicosfera, utilizado por Milton Santos. No contexto da globalização neoliberal, as conexões multinacionais se intensificam, ao passo que as fronteiras se tornam seletivas, revelando a tensão entre mobilidade, exclusão, vontade e vulnerabilidade.

Governador Valadares, objeto de estudo deste trabalho, é uma cidade de médio porte localizada no leste do estado de Minas Gerais. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população estimada para 2024 é de aproximadamente 257 mil habitantes. O município possui um Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) considerado alto, de 0,727, conforme dados do PNUD (2010), refletindo boas condições de longevidade, educação e renda. Economicamente, a cidade se destaca como um polo regional, com um Produto Interno Bruto (PIB) que atingiu R\$7,4 bilhões em 2021, impulsionado principalmente pelo setor de serviços e comércio. Neste cenário, destaca-se como um caso emblemático para a compreensão das dinâmicas migratórias contemporâneas. Desde meados do século XX, o município consolidou-se como um dos principais pólos de emigração brasileira para os Estados Unidos, fenômeno que se enraizou profundamente no imaginário local. O ato de migrar, em Valadares, deixou de ser uma decisão individual e tornou-se parte de uma cultura socialmente compartilhada, atravessada por valores, expectativas e símbolos. Essa cultura da migração molda práticas cotidianas, aspirações juvenis, relações familiares e até mesmo a organização espacial da cidade. A arquitetura da cidade também é influenciada e transformada neste molde. A presença é tão forte que em novembro de 2024, Governador Valadares entrou em campanha pela corrida presidencial americana, com exposição de outdoors para Donald Trump e Kamala Harris.

Figura 1



Outdoor defende Donald Trump em Governador Valadares. Imagem: Reprodução/X

Figura 2



Outdoor pró-Kamala em Governador Valadares. Imagem: Reprodução/X

Diversas áreas residenciais foram construídas de acordo com padrões típicos americanos, refletindo a experiência direta adquirida por muitos brasileiros que trabalharam na construção civil lá fora. A presença de itens que remetem à cultura americana, como ímãs de geladeira e bazares de roupas "americanas", é uma constante, reforçando a conexão com o país do norte.

Figura 3



Loja de roupas 'Brechó USA' em Governador Valadares Foto: Carolina Marins/Estadão

A cidade, por exemplo, possui cerca de 32 escolas de idiomas. Em comparação, o município de Santa Luzia, com a mesma faixa populacional que Valadares (de 200 mil a 300 mil habitantes), possui apenas 18. Em entrevista ao Estadão, o jornalista Franco Dani comenta a respeito dessa influência:

“Isso é tão cultural, você percebe alguns traços da construção civil e outras marcas identitárias, em estabelecimentos comerciais, bandeirinhas dos Estados Unidos, ‘I love USA’ atrás do carro. Isso é muito comum em Valadares e é muito resultado dessa identidade cultural híbrida que a gente acabou assimilando em função dessa transnacionalidade que é tão característica da região” (DANI, 2025).

Construções financiadas com recursos enviados do exterior, crescimento de agências de viagens, escolas de idioma, e a circulação simbólica constante do “american dream”. Estes elementos estabelecem um modo de vida, um jeito de pensar e sentir que se manifesta até mesmo no vocabulário local. Segundo o prefeito do município, Coronel Sandro (PL), cerca de 2 milhões de dólares circulam na economia da cidade todos os dias:

“É possível falar em estimativas calculadas com base, primeiro, no número de pessoas que estão lá, e, segundo, dos negócios que acontecem em Governador Valadares, do aquecimento há muito tempo do setor imobiliário,

principalmente, de novas empresas e de familiares e amigos que estão aqui que são assistidos por essas pessoas que estão lá. [...] Baseado nesses números estimativos de 40 a 60 mil valadarenses que vivem nos EUA, os setores calculam que ingressam na economia valadarense algo em torno de 2 milhões de dólares ao dia. Que daria 700 milhões de dólares ao ano.”, afirma o prefeito em entrevista ao Estadão.

Figura 4



Igreja com referência aos Estados Unidos em uma rua no centro de Alpercata Foto: Carolina Marins/Estadão

A origem desse processo remonta à presença de técnicos e engenheiros norte-americanos na cidade nas décadas de 1940 e 1950, quando a extração de mica e a expansão ferroviária estabeleceram os primeiros laços com os Estados Unidos. Desde então, o que começou como um fluxo esporádico e elitizado transformou-se em uma rede migratória consolidada e estruturalmente enraizada, da qual hoje se estima que dezenas de milhares de brasileiros mantenham comunidades organizadas em associações de suporte mútuo, envolvendo não apenas o envio e retorno de pessoas, mas também de bens, informações, recursos financeiros e influência cultural. As redes migratórias se sofisticaram ao longo do tempo, incorporando instituições locais, serviços de assessoria, práticas legais e ilegais, como a falsificação de documentos e a intermediação de “coiotes”¹, e construindo uma expertise coletiva em torno da emigração.

¹ Pessoas e grupos organizados, conhecidos como coiotes (*coyotes*), *polleros*, *pateros* ou *balseros*, que se especializaram em guiar os migrantes que tentam entrar ilegalmente nos Estados Unidos.

Figura 5



Agências de turismo e assessoria espalhadas pela cidade. — Foto: Ana Caroline de Lima/Bloomberg

Essa cultura migratória se sustenta sobre o imaginário do “sonho americano”, que funciona não apenas como expressão de aspirações materiais, mas como dispositivo simbólico capaz de legitimar trajetórias de vida e conferir status social a quem o “adquire”, fortemente associado à ideia de sucesso, progresso, meritocracia e liberdade individual, mesmo que isso se resulte em trajetórias que envolvam riscos e ilegalidades. As narrativas migratórias, frequentemente reproduzidas em relatos familiares e redes sociais, reforçam esse ideal, alimentando o desejo de partir e mantendo vivo o vínculo simbólico com o exterior.

A presente pesquisa busca discutir o impacto social, econômico e cultural da emigração valadarense para os Estados Unidos, tendo como foco os significados atribuídos à migração pelos próprios sujeitos envolvidos neste processo. Os efeitos da migração podem ser ambíguos, pois por um lado, representa a chance de ascensão socioeconômica e visibilidade social; por outro, impõe rupturas afetivas, inseguranças legais e desafios culturais que afetam a construção da identidade. A partir de entrevistas realizadas com migrantes residentes nos EUA, foram identificadas dimensões essenciais da experiência migratória, como as motivações do deslocamento, os desafios da adaptação e as estratégias de manutenção dos vínculos com o Brasil. As respostas revelam um conjunto complexo de razões que impulsionam a emigração,

desde a busca por melhores oportunidades de trabalho até a necessidade de reunião familiar, além de destacar o peso simbólico do exterior como horizonte de vida desejável.

A trajetória costuma ser marcada pelo *habitus* migratório, disposições e esquemas de ação socialmente incorporados que orientam decisões e práticas cotidianas. Os entrevistados apontam transformações significativas em seus estilos de vida após a chegada aos Estados Unidos, incluindo mudanças nos hábitos alimentares, nas formas de lazer e no ritmo de trabalho, geralmente mais intenso e precarizado. Questões como a clandestinidade, o medo constante da deportação, o racismo e as dificuldades com a língua inglesa são recorrentes nos relatos. Ainda assim, muitos afirmam não se arrepender de ter migrado, valorizando as oportunidades oferecidas no novo país, ainda que à custa de rupturas afetivas e perdas culturais. A manutenção da identidade brasileira se expressa em práticas como o envio de remessas de dinheiro, a comunicação frequente com familiares, o consumo de produtos brasileiros e o desejo, muitas vezes idealizado, de retorno.

Contudo, a experiência de imigração traz uma tensão constante entre pertencimento e estranhamento. A ambivalência dessas experiências é evidente: ao mesmo tempo que os EUA são vistos como terra de oportunidades, são também território de isolamento, trabalho duro e invisibilidade social. Essa tensão entre expectativa e realidade complexifica o imaginário migratório e revela que a cultura da migração não é um consenso estático, mas um campo dinâmico de disputas, ressignificações e resistências. O indivíduo não se sente plenamente em casa no país de chegada, menos ainda se integra totalmente o modelo cultural local. Em diversos relatos, o “sonho americano” aparece como um ideal que, embora parcialmente realizado, cobra um alto preço emocional, psicológico e simbólico. Isso reforça a ideia de que migrar não é apenas mudar de país, mas negociar constantemente entre o aqui e o lá, entre a memória e o presente, entre o pertencimento e o estranhamento.

É nesse contexto que se insere o conceito de cultura da migração, entendido aqui não como um conjunto fixo de práticas, mas como um campo simbólico em constante elaboração. Essa cultura envolve a transmissão geracional de expectativas migratórias, a consolidação de *habitus* coletivos orientados para o exterior e a constituição de identidades transnacionais. O imigrante valadarense, nesse sentido, é simultaneamente sujeito e produto de um processo histórico-social que entrelaça desejo, economia, território e subjetividade.

Este trabalho busca evidenciar que migrar se tornou parte constitutiva da identidade local, reproduzindo-se como prática social legitimada e transmitida entre gerações. Também

intenciona analisar tanto os significados atribuídos à migração, quanto às ações concretas que dela decorrem. Para explorar essa complexidade, adota-se uma abordagem interdisciplinar que dialoga com os campos da geografia, da sociologia, da filosofia e dos estudos culturais. A contribuição de autores como Milton Santos, Pierre Bourdieu, Julia Kristeva, Stuart Hall e Tzvetan Todorov é fundamental para iluminar as múltiplas camadas do fenômeno.

Ao trazer as ideias de Milton Santos, trazemos também a percepção de que a cultura migrante é muito mais do que um simples deslocamento. É referente a uma prática territorializada, que transforma e é transformada pelos lugares onde vivemos. Pierre Bourdieu, em complemento, traz o conceito de *habitus* migratório para mostrar como disposições socialmente incorporadas orientam as escolhas e estratégias dos próprios migrantes em trânsito. Esses olhares iniciais nos ajudam a entender que a migração não se resume à mudança de espaço físico, mas envolve processos sociais profundos e enraizados em cada pessoa que se desloca.

Julia Kristeva e Tzvetan Todorov enriquecem ainda mais essa discussão ao refletirem sobre a construção da subjetividade e a relação com o outro. Eles destacam os dilemas de quem vive entre dois mundos e como essa alteridade molda a experiência migrante. Por fim, Stuart Hall amplia a perspectiva ao lembrar que a identidade não é algo fixo, mas um processo relacional em constante reconstrução, especialmente em contextos de diáspora e deslocamento. Juntos, esses autores apontam para uma visão dialética da migração, em que espaço, cultura e subjetividade estão sempre em interação.

A cidade de Governador Valadares, nesse sentido, configura-se como um território híbrido, onde a presença simbólica dos Estados Unidos se manifesta nos mais diversos aspectos: na arquitetura, no sistema financeiro, nas roupas e marcas consumidas, nas festas temáticas e nas redes sociais, onde o sucesso migratório é constantemente exibido e validado.

Figura 6



As conexões entre Governador Valadares e os EUA podem ser encontradas em todos os cantos da cidade — Foto: Ana Caroline de Lima/Bloomberg

Ao mesmo tempo, essa presença é acompanhada por ausências profundas que reconfiguram os laços afetivos e redesenham o cotidiano urbano. Ao lançar luz sobre as narrativas e experiências dos migrantes valadarenses, esta pesquisa busca contribuir para uma leitura mais crítica e abrangente dos processos migratórios contemporâneos. Entre a promessa de um sonho antigo e os desafios da vida no exterior, constrói-se um campo simbólico onde frustração, identidade, alteridade e transformação coexistem. É nesse entre-espaço que se inscreve a cultura da migração, como prática social, como horizonte imaginado e como um resultado incerto do mundo globalizado.

JUSTIFICATIVA

A escolha deste tema se fundamenta na relevância de discutir a emigração não apenas como deslocamento populacional, mas como um fenômeno cultural e simbólico que transforma identidades, molda territórios e estrutura dinâmicas sociais. O município de Governador Valadares – MG apresenta-se como um espaço de destaque para essa análise, visto que se

consolidou como um dos principais polos de emigração brasileira para os Estados Unidos, constituindo uma verdadeira cultura migratória.

Nesse sentido, o conceito de psicosfera, desenvolvido por Milton Santos, oferece aporte teórico fundamental para compreender como valores, crenças, imaginários e expectativas coletivas dão sentido às práticas migratórias. A psicosfera ilumina a forma como narrativas de sucesso, símbolos de status social e representações de ascensão moldam o desejo de partir, ao mesmo tempo em que reforçam a identidade coletiva vinculada à migração.

Assim, o presente trabalho se justifica pela necessidade de analisar a articulação entre sentidos e práticas sociais que sustentam a emigração em Governador Valadares, contribuindo para o avanço dos estudos sobre cultura, território e mobilidade. Além de sua relevância acadêmica, a pesquisa também possibilita uma reflexão crítica acerca dos impactos da cultura migratória na vida cotidiana das famílias e na configuração do espaço local, oferecendo subsídios para compreender como o fenômeno migratório ultrapassa fronteiras geográficas e se enraíza no plano simbólico e cultural.

OBJETIVOS

Objetivo Geral

O objetivo geral desta pesquisa é discutir o processo do fluxo migratório entre Governador Valadares e os Estados Unidos, e como a própria cultura local influencia a decisão de emigrar e os impactos dessa dinâmica na população local, analisando os valores simbólicos, crenças, imaginários e representações sociais que sustentam e reproduzem esse fenômeno ao longo das décadas.

Objetivos Específicos

- Analisar como a psicosfera local constrói e reforça o imaginário coletivo em torno da emigração, destacando o peso simbólico atribuído aos Estados Unidos na cultura valadarense.

- Investigar de que forma as narrativas de sucesso, as redes de sociabilidade e os símbolos materiais consolidaram a emigração como prática social e elemento identitário.
- Examinar os impactos culturais e sociais da emigração em Governador Valadares, com ênfase na formação de um modo de vida atravessado por expectativas de mobilidade e pertencimento transnacional.
- Refletir sobre como as crenças, valores e discursos relacionados à migração perpetuam e legitimam o fluxo migratório, ultrapassando explicações meramente econômicas e estruturais.

METODOLOGIA

Esta pesquisa caracteriza-se como qualitativa, com uma abordagem exploratória, buscando entender as dinâmicas sociais e culturais de um fluxo migratório específico. Contudo, de acordo com Appolinário (2012), a pesquisa não se limita a um modelo estritamente qualitativo ou quantitativo, optando por um caminho mais flexível que permita explorar as diversas facetas dessa dinâmica migratória.

A metodologia se baseia, principalmente, em um levantamento bibliográfico que abrange estudos sobre migração, redes sociais, e impacto socioeconômico, tanto em nível local quanto internacional. O levantamento bibliográfico será realizado em bases acadêmicas como Scielo, Google Acadêmico, CAPES, livros especializados e periódicos científicos. Como referência teórica central, serão utilizadas as obras de pesquisadores como Sueli Siqueira e Haruf Salmen Espíndola, que abordam as questões socioeconômicas e as relações de migração de Governador Valadares para os Estados Unidos, além de outros autores que exploram conceitos relacionados à pesquisa como Milton Santos, Pierre Bourdieu, Ana Clara Torres Ribeiro, Julia Kristeva, Tzvetan Todorov, entre outros.

Complementarmente, será feito um levantamento documental sobre políticas de imigração dos Estados Unidos, especialmente no que diz respeito aos vistos de trabalho e turismo, a fim de entender como as mudanças nessas políticas afetam as escolhas dos migrantes de Valadares. Serão analisados também relatos de migrantes, que ajudaram a consolidar as redes de apoio à migração e a percepção de possibilidades no exterior.

Ademais, serão realizadas entrevistas e observação direta de moradores da cidade que tiveram experiências de migração, além de familiares e membros das redes de apoio que facilitam o processo. A coleta de dados qualitativos também envolverá a análise de histórias pessoais e narrativas sobre a vivência da migração, utilizando entrevistas semiestruturadas e grupos focais para compreender melhor os motivos da migração, as expectativas e os desafios enfrentados pelos migrantes.

O recorte temporal da pesquisa abrange desde a década de 1940, com a formação das primeiras redes de intercâmbio e migração, até o ano de 2025, com foco no período em que o fluxo migratório se intensificou e diversificou, principalmente com a mudança nas políticas de imigração dos Estados Unidos e a criação de novas estratégias de mobilidade internacional, como o uso de passaportes falsificados e a travessia pela fronteira do México.

Capítulo 1: Psicosfera e migração

O conceito de psicosfera, em sua relação dialética com a tecnosfera, constitui um conjunto teórico cujo desenvolvimento foi interrompido pela morte de seu autor, Milton Santos, o deixando sem uma elaboração final mais sistemática. Ainda assim, algumas noções fundamentais foram estabelecidas e têm sido discutidas e complementadas por outros autores, oferecendo um caminho fértil para a análise geográfica dos fenômenos sociais. Enquanto a materialidade da tecnosfera, como conjunto de objetos técnicos como estradas, portos, fábricas e cidades, responde a lógicas sistêmicas de produção e troca que extrapolam o contexto imediato, sua instalação no espaço se converte em um dado local, como uma "prótese" que se sobrepõe ao meio preexistente. A psicosfera, por sua vez, opera como a dimensão imaterial e simbólica desse ambiente, "reino das idéias, crenças, paixões e lugar da produção de um sentido", nutrindo o campo do imaginário e, ao mesmo tempo, fornecendo regras à racionalidade. Ambas são manifestações espacialmente localizadas, mas suas inspirações e regras de funcionamento possuem uma complexidade e uma amplitude que ultrapassam sua expressão pontual no lugar.

A psicosfera resulta, assim, das crenças, desejos, vontades e hábitos que inspiram comportamentos, tanto filosóficos quanto práticos. Conforme aprofunda Ana Clara Torres Ribeiro, a psicosfera "apoia, acompanha e, por vezes, antecede a expansão do meio técnico-científico", produzindo a "adequação comportamental à interação moderna entre tecnologia e valores sociais". Nesse sentido, a cultura migratória de Governador Valadares constitui uma manifestação localizada dessa psicosfera, que se desenvolve em paralelo com a tecnosfera, modificando tanto o meio físico quanto o campo imagético. Ela opera como o espaço simbólico que sustenta e reproduz a crença no "sonho americano" como um projeto de vida legítimo e via de ascensão socioeconômica, ideal constantemente reforçado por narrativas de sucesso compartilhadas por quem já partiu. Ao estruturar simultaneamente o imaginário e a racionalidade, a psicosfera transforma a arriscada jornada migratória em uma decisão socialmente validada e desejável, cristalizando a vontade de partir em um hábito.

Este fenômeno não é exclusivo de Valadares. Um exemplo análogo pode ser encontrado no litoral oriental do Rio Grande do Norte, que, a partir da década de 1990, passou a atrair um fluxo de "migrantes do lazer" europeus. Neste caso, a psicosfera local é alimentada não pelo "sonho americano", mas pela busca de um "novo estilo de vida" atrelado à imagem de um paraíso tropical. A crença em um cotidiano marcado pelo lazer, clima ameno, natureza e tranquilidade impulsionou a migração de italianos, espanhóis e portugueses, que transformaram

a paisagem local ao investir nos setores turístico e imobiliário. Tal como em Governador Valadares, essa migração não se explica apenas por uma busca material, mas por uma dimensão simbólica "ligada ao clima, ao sol, à tranquilidade e a natureza", consolidando uma psicosfera que naturaliza e incentiva o projeto migratório como uma forma de autorrealização.

Outro exemplo robusto é o movimento dos dekasseguis, brasileiros descendentes de japoneses que migram para o Japão. Neste caso, a psicosfera é estruturada pela busca de inserção em um "modo de vida moderno" marcadamente definido pelo consumo. Diante de um território brasileiro percebido como "opaco" e com acesso restrito a bens e serviços, o Japão emerge no imaginário como um "espaço luminoso", denso em capital, técnica e informação, onde o trabalho permite a realização de sonhos de consumo inacessíveis no Brasil. A psicosfera dekassegui é alimentada pela crença de que a vida no Japão, apesar das dificuldades, oferece a possibilidade de adquirir bens como carros modernos, eletrônicos e roupas de marca, vistos como símbolos de sucesso e de uma vida melhor. Um dekassegui relata: "aqui você faz e acontece, você não entra em depressão aqui por não conseguir aquilo que você quer... você pode comprar o que quiser, que ainda sobra dinheiro". Essa percepção do Japão como "paraíso das compras" estrutura a racionalidade da migração, transformando a venda da força de trabalho em fábricas em um meio legítimo para alcançar um padrão de vida e consumo idealizado.

Inspirado em Bourdieu, esse *habitus* se refere a disposições socialmente internalizadas, transmitidas entre gerações, que orientam práticas e percepções. No contexto valadarense, ser oriundo de uma família de migrantes que obteve êxito facilita o acesso a informações e contatos. De modo similar, no litoral potiguar, a presença de uma comunidade de expatriados e as redes sociais estabelecidas foram fatores que contribuíram para a vinda de novos migrantes. Crescer nesses ambientes imprime marcas nos indivíduos, moldando disposições e reforçando a naturalização da emigração como projeto de vida.

Essa força simbólica também se materializa em uma tecnosfera particular, que funciona como um "dado local", conforme Santos, e que continuamente reforça o desejo de migrar. A paisagem urbana é moldada por essa dinâmica: construções com recursos externos e estabelecimentos voltados para migrantes, ou mesmo políticas públicas para recebimento e readaptação de migrantes que retornaram. No Rio Grande do Norte, o aumento de condomínios, pousadas e restaurantes de propriedade estrangeira retroalimenta a psicosfera do "paraíso do lazer", criando um ciclo no qual o ambiente construído torna a ideia de migrar uma possibilidade visível e cotidiana. A articulação entre psicosfera e tecnosfera transforma a emigração em elemento notável da identidade coletiva, fazendo desses lugares espaços singulares onde o desejo de partir transcende a prática individual para se tornar marca constitutiva de sua cultura.

A principal razão pela qual a psicosfera se revela um conceito tão interessante para estudar a migração reside em sua capacidade de superar as abordagens puramente economicistas, que tradicionalmente dominam este campo de estudo. Ao invés de limitar a análise aos fatores de repulsão e atração de ordem material, a psicosfera permite investigar as dimensões imateriais, simbólicas e culturais que motivam os deslocamentos humanos. Ela oferece um instrumental teórico para entender, primeiramente, como a vontade é socialmente construída e como um projeto de vida pode se tornar válido dentro de uma comunidade, a partir de narrativas e imaginários coletivos, como o sonho de uma vida melhor. O conceito também articula a racionalidade da decisão de migrar, como o cálculo de custos e a busca por oportunidades, com o campo do desejo e da emoção, como a crença em um paraíso ou a busca por autorrealização, mostrando que a escolha não é puramente lógica, mas um híbrido onde a psicosfera fornece o sentido que une ambos os aspectos. Além disso, ao se materializar na tecnosfera e se consolidar em hábitos, a psicosfera explica como culturas migratórias se reproduzem e se perpetuam através de gerações. Finalmente, o conceito demonstra que a psicosfera não é apenas um "ambiente" mental; ela é produtora de espaço, pois as crenças e desejos dos migrantes se concretizam na paisagem, criando novos territórios e territorialidades que, por sua vez, reforçam a própria psicosfera que lhes deu origem.

A interrupção do trabalho de Milton Santos deixou a categoria da psicosfera com um enorme potencial ainda a ser explorado. Geógrafos como a já citada Ana Clara Torres Ribeiro e outros, como Rogério Haesbaert, que trabalha com a ideia de multiterritorialidade, deram continuidade a aspectos de seu pensamento. No entanto, o conceito de psicosfera ainda carece de uma maior sistematização, especialmente no que tange aos mecanismos de sua formação e transformação. Faltou a Santos detalhar, por exemplo, como se dão os conflitos entre diferentes psicosferas em um mesmo espaço e como a psicosfera dominante se impõe sobre as demais.

Para além disso, a relação entre a agência individual e a força da estrutura coletiva da psicosfera é um campo que necessita de maior aprofundamento teórico. Contudo, a validade do conceito se manifesta na sua ênfase à dimensão subjetiva e simbólica da produção do espaço, oferecendo uma ferramenta de análise que permite à geografia ir além da descrição para compreender os processos sociais que conferem significado aos espaços.

Capítulo 2: Cultura e identidade

O conceito de cultura possui um espaço importante nos debates das ciências humanas, sendo frequentemente compreendido como o conjunto de valores, práticas, representações e formas simbólicas que são construídos e que representam uma determinada sociedade. Esta definição, no entanto, ganha diferentes nuances conforme a perspectiva teórica adotada. Ao longo do tempo, a cultura deixou de ser vista apenas como uma coleção estática de tradições e passou a ser entendida como um processo dinâmico, histórico e relacional, atravessado por disputas de poder, dominação e resistência. Nesse sentido, autores como Milton Santos e Pierre Bourdieu oferecem importantes contribuições para se compreender a cultura como um fenômeno situado e produtor de realidade.

Na perspectiva geográfica de Milton Santos, a cultura é parte constitutiva do espaço geográfico. Ela não pode ser reduzida ao às artes. Para Santos, “a cultura é uma manifestação coletiva que reúne heranças do passado, modos de ser do presente e aspirações do futuro desejado” (Folha de São Paulo, 19/03/2000). Isso reforça que a cultura está inscrita nas práticas cotidianas, nas formas de uso do território, nas estratégias de sobrevivência e nas resistências frente aos modelos hegemônicos de produção do espaço. Para além disso, há ainda a crítica à indústria cultural que tende a submeter outras culturas. Na mesma coluna, o geógrafo diz:

“O Brasil, pelas suas condições particulares desde meados do século 20, é um dos países onde essa famosa indústria cultural deitou raízes mais fundas e por isso mesmo é um daqueles onde ela, já solidamente instalada e agindo em lugar da cultura nacional, vem produzindo estragos de monta..” (SANTOS, 2000).

Ao considerar o impacto da globalização sobre a cultura, embora os signos culturais circulem globalmente, eles se adaptam, ressignificam e incorporam elementos locais, configurando uma cultura-mundo, provocando uma espécie de “aniquilamento simbólico” das culturas nacionais. Nesse cenário, surgem identidades culturais múltiplas e complexas, especialmente em contextos marcados pela migração. O fenômeno migratório evidencia de forma exemplar a tensão entre cultura, identidade e globalização. No caso dos valadarenses, por exemplo, as experiências culturais e os vínculos identitários se reconstroem a partir de uma convivência entre elementos do país de origem e da nova realidade sociocultural.

Paralelamente, Pierre Bourdieu, partindo da sociologia crítica, compreende a cultura como um mecanismo de reprodução social e demonstra como a cultura contribui para a

manutenção das estruturas sociais de dominação. O *habitus*, entendido como um sistema de disposições incorporadas que orientam ações e percepções, é moldado historicamente pelas condições materiais e sociais em que os indivíduos vivem. Assim, práticas culturais, gostos estéticos e modos de falar ou se comportar não são neutros: eles refletem e reproduzem as posições sociais dos indivíduos no interior dos campos de poder. Ao trazer para luz essas estruturas invisíveis de dominação, Bourdieu desnaturaliza a cultura e evidencia sua função política.

A partir dessas concepções, se torna possível avançar para a discussão sobre o conceito de identidade cultural, que é especialmente relevante na contemporaneidade marcada pela globalização e pelo deslocamento de populações. A identidade cultural, como dito anteriormente, está longe de ser uma essência fixa e atemporal, mas sim um processo em constante construção e negociação.

Nesse campo, Manuel Castells oferece importante contribuição quando trata da identidade como uma fonte de significado para os indivíduos em uma sociedade em rede. Em sua obra *O Poder da Identidade*, ele propõe três formas pelas quais as identidades culturais são construídas: a identidade legitimadora, imposta pelas instituições dominantes; a identidade de resistência, forjada por grupos marginalizados; e a identidade projetada, que visa a construção de futuros alternativos. Podemos aqui ver a identidade legitimadora como aquela imposta pela indústria cultural citada por Santos (2000); a identidade de resistência como os imigrantes que, ao chegarem em um novo território, precisam se adaptar e criar uma rede de apoio para os seus semelhantes; e a identidade projetada como parte do esvaziamento individual na busca pela aceitação como imigrante.

A condição do estrangeiro, discutida por Julia Kristeva (1994), permite aprofundar esse debate. Para a autora, o estrangeiro é movido por propósitos específicos, sejam profissionais, afetivos ou intelectuais, e sua trajetória é marcada por obstáculos que revelam tensões entre pertencimento e exclusão. Ainda que possa admirar aspectos do país que o acolhe, o estrangeiro mantém um distanciamento crítico, uma “força da distância”: um afastamento que possibilita ao estrangeiro enxergar limites que os nativos não percebem, por estarem imersos em sua própria realidade. Essa distância, embora cause certo isolamento, também fortalece o sujeito migrante, permitindo-lhe uma perspectiva mais ampla tanto sobre o outro quanto sobre si mesmo.

A cultura da imigração não deve ser resumida à simples manutenção das tradições de origem em um novo território, nem à assimilação total à cultura do país receptor. Se trata de um processo de reconstrução identitária e cultural, marcado por tensões, adaptações e criações simbólicas. Algumas dessas tensões surgem com a presença do estrangeiro entre os “iguais”, que provoca um incômodo que põe em xeque não apenas a identidade coletiva do grupo nativo, mas também a própria identidade do sujeito deslocado, que é frequentemente visto como inferior, perigoso ou incivilizado, enquanto o grupo que julga se posiciona como superior ou exemplar. Nesse encontro, o incômodo pode se manifestar de forma violenta ou delicada, revelando relações marcadas por dominação, fragilidade, ressentimento, humildade e desejo de reconhecimento. O estrangeiro deseja ser aceito, reconhece sua própria diferença e, inevitavelmente, a impõe, mesmo que não o faça de maneira consciente ou voluntária. Por outro lado, o nativo enxerga o imigrante como um ser à parte, como sintetiza Todorov (1993), o “outro” é, por definição, aquele que não pertence ao nosso grupo cultural e social, sendo necessário marcá-lo como separado para que possa ser nomeado e compreendido.

Stuart Hall (1992), ao refletir sobre a diáspora, a globalização e os processos de deslocamento, afirma os sujeitos migrantes vivem entre mundos, carregando consigo memórias, tradições e imaginários que, ao se confrontarem com novos contextos, geram novas expressões culturais. A cultura da imigração, portanto, é uma forma de hibridismo em movimento, em que o passado e o presente dialogam para produzir sentidos novos, é como uma expressão de novas identidades e culturas que se fundem e emergem. O migrante ocupa esse espaço de fronteira, onde não é totalmente estrangeiro nem totalmente integrado, mas vive a experiência da tradução cultural.

Capítulo 3: Comunidade de origem

O município de Governador Valadares, localizado a 320 km da capital do estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, possui uma população de aproximadamente 270.000 habitantes. Com 86 anos desde sua criação, o município é amplamente conhecido por seu intenso, ainda que não constante, fluxo migratório em direção aos Estados Unidos.

O primeiro contato dos valadarenses com a cultura estadunidense ocorreu no início da década de 40, quando engenheiros e famílias americanas foram impulsionadas pela extração de pedras e minérios e também pela extensão da linha férrea da mineradora Vale.

As obras na estrada de ferro que trouxeram profissionais estrangeiros fizeram com que o município vivesse um boom demográfico e econômico. Nos anos 30 e 40, a mica se tornou o principal minério explorado na região por ser matéria-prima necessária para a fabricação de materiais elétricos e instrumentos de precisão para a produção de armamentos que seriam utilizados na Segunda Guerra Mundial pelos americanos, se tornando fonte fundamental para a indústria bélica. Essa produção mineral, a qual era majoritariamente destinada aos Estados Unidos, foi ampliada consideravelmente e se tornou um negócio altamente lucrativo, que empregava milhares de pessoas.

Com o crescimento da pequena cidade. Em 1950 Governador Valadares chegou a aproximadamente 20.000 habitantes e, dez anos depois, subiu para mais de 70.000, segundo o pesquisador Haruf Salmen Espíndola, doutor em história econômica e professor da Univale (Universidade do Vale do Rio Doce) em Governador Valadares.

Visando a manutenção dos lucros e matéria-prima, a ferrovia foi totalmente reformada com financiamento americano, que investiu também na criação de serviços especiais de saúde, que previam a implementação de saneamento básico e assistência médica, pois a malária, a grande incidência de leishmaniose e esquistossomose na região ameaçavam a atividade exploratória.

Na década de 1960, a produção de mica diminuiu drasticamente. Com isso, houve uma grande redução dos postos de trabalho e consequentemente, impactos negativos na economia local. Segundo Espíndola, o número de empregos do setor reduziu de cerca de 3.000 trabalhadores no início dos anos 50, para cerca de 500 no início dos anos 60. Em entrevista à BBC (2020):

“O crescimento econômico e demográfico nas décadas de 40 e 50 foi baseado na exploração dos recursos naturais. Entretanto, a devastação da floresta e o esgotamento dos solos provocaram retração econômica e esvaziamento demográfico regional, repercutindo estruturalmente sobre a cidade.”

A região, que era economicamente atrativa, se transformou em um “reservatório de mão-de-obra para a indústria e trabalho doméstico”. Parte da população migrou para outros Estados em busca de novos trabalhos em crescentes centros industriais do país. Iniciando, então, a cultura de migração da região.

Após este período de ascensão, os profissionais estrangeiros contratados pela Vale retornaram para seu país de origem. Contudo, dentre eles, um engenheiro juntamente com sua família decidiu ficar e continuou trabalhando como funcionário da Vale e viveu em Governador Valadares até sua morte, em 1969, segundo a pesquisadora Sueli Siqueira, titular da Univale.

De acordo com Siqueira, ainda na década de 40 os moradores de Valadares já tiveram acesso ao dólar. E com o fim de seu trabalho na mineradora, o engenheiro Mister Simpson e sua esposa, Geraldina Simpson, fundaram uma escola de inglês e ainda criaram um programa de intercâmbio.

Com isso, a ideia de ir para os EUA ficou mais acessível e atraente. Assim que faziam o intercâmbio estudantil, os primeiros emigrantes de Valadares conseguiram o visto de trabalho e se fixaram no país. Ainda de acordo com a pesquisadora, no mesmo ano, mais amigos do primeiro intercambista seguiram seus passos, com o diferencial de que haviam mais informações sobre onde se hospedar e como conseguir trabalhos.

Começou, então, a ser criado o que se tornaria uma grande rede de contatos de suporte para a migração. Ao deixar seus familiares e amigos para trás, os imigrantes trocavam correspondências via carta, que juntamente de fotos e relatos sobre as possibilidades e riqueza do país, difundiu-se a ideia de que a melhor saída para a crise regional seria emigrar.

Segundo Siqueira, os migrantes seguidos foram acompanhados por outros, que levavam outros, todos com visto de trabalho. Todos falavam inglês, tinham o segundo grau completo e pertenciam a famílias das classes mais altas da cidade.

Ao final da década de 60, cada vez menos pessoas conseguiam o visto de trabalho, pois os custos eram altos e o consulado já não autorizava mais tantos trabalhadores migrando.

Fazendo com que o visto de turismo se tornasse mais procurado e utilizado. De acordo com a historiadora:

“Na segunda metade dos anos 1980, a negativa do visto de turista atingia a maioria dos que desejavam migrar. Crescem então as alternativas: passaporte montado (falso) e a travessia pela fronteira do México [...]. A formação dos laços sociais consolidados ao longo das décadas tornava, para muitos valadarenses, migrar para os Estados Unidos mais fácil e familiar do que mudar-se para uma capital como São Paulo, por exemplo.” (Siqueira 2010).

Para além dos falsos passaportes, nesse período criou-se uma consolidada indústria de serviços na cidade, estimulada principalmente pela grande busca por vistos. Passam a existir na cidade agências de turismo que se vendem como assessoria especializada, e oferecem serviços como organização da documentação, procedimentos para a entrevista consular, como se vestir, como se portar, agendamento e transporte terrestre até o consulado, e que se mantém até hoje.

Capítulo 4: Processo migratório

A migração é uma prática histórica da humanidade, presente desde os períodos pré-históricos, quando grupos se deslocavam em busca de melhores condições de vida, embora sem fronteiras ou regulamentações formais. Ao longo do tempo, diferentes fatores motivaram a migração, como mudanças climáticas, conflitos, insegurança, perseguições, oportunidades de trabalho e estudo, e a busca por melhores condições de vida.

A chamada migração moderna surge com a Revolução Industrial, quando novas tecnologias e mudanças econômicas provocaram deslocamentos em massa, tanto entre países europeus quanto para destinos como os Estados Unidos. Com essas movimentações, os países começaram a criar leis e regulamentações para controlar a entrada de imigrantes, estabelecendo critérios administrativos que moldam a migração até os dias atuais. Surgem então as formas de imigração para aqueles que não cumprem os “requisitos”, ou critérios legais.

Neste contexto, a principal forma utilizada por aqueles que tiveram seus vistos negados é a travessia pela fronteira com o México. O processo, quando realizado de maneira irregular, envolve uma série de etapas cuidadosamente planejadas pelos próprios migrantes e pelos intermediários conhecidos como “coiotes”.

Figura 7



(Rainer Petter/Mundo Estranho)

A jornada se inicia no Brasil, no caso de Governador Valadares os migrantes buscam informações sobre os coiotes geralmente com outras pessoas que já fizeram a travessia. Esse

primeiro contato envolve a definição do valor total a ser pago, a forma de pagamento e a preparação de documentos que serão apresentados durante a viagem. Segundo relato de um dos entrevistados:

“O coioete funciona da seguinte forma: é sempre alguém indicando alguém[...] O valor depende muito. pessoa solteira é um valor, família é outro valor [...]. Na época que eu fui eu dei R\$15.000 de entrada e depois eu ia pagar mais R\$60.000 pro cara quando eu entrasse. Aí quando é família, tem gente que cobra R\$80.000, tem gente que cobra R\$100.000, dependendo da época também né. Igual agora, veio essa época de política aí, pra trocar de presidente, essas coisas... Subiu muito os valores porque estava mais difícil passar. Tinha gente cobrando até R\$150.000 pra levar [...]” (Entrevista confidencial, 2025)

Muitas vezes, o coioete também fornece instruções sobre como guardar dinheiro, como se comportar em pontos de fiscalização e como se organizar para minimizar riscos.

Após os acordos iniciais, o migrante se desloca do Brasil até o México. No caso dos entrevistados, todos passaram pelo mesmo trajeto: de Governador Valadares à São Paulo por via terrestre, de São Paulo à Cidade do México por via aérea. Chegando à Cidade do México, o migrante permanece em hotéis provisórios por alguns dias. Nessa etapa, é comum que o coioete organize a logística de transporte interno, garantindo que todos os viajantes consigam seguir para os pontos de travessia de forma segura. Esse período de espera também permite que o grupo se organize, compre suprimentos e receba instruções finais sobre a travessia.

A etapa seguinte envolve deslocamentos de avião ou ônibus dentro do território mexicano até cidades próximas à fronteira, como Mexicali. É nesse momento que surgem os primeiros desafios da viagem: paradas em estradas desertas, abordagens agressivas por parte dos coioetes mexicanos buscando dinheiro, e revistas em pertences. Como relata uma das entrevistadas:

“[...] No México, eu demorei quatro dias lá. Desci na cidade do México e eu precisava ir para a Mexicali, que foi a minha travessia. Então, fui para o hotel. Quando eu saí do hotel, eu precisava pegar um avião para ir para uma outra cidade. Então, aí já começou a ficar realmente... um pouquinho, assim, turbulenta. O guarda queria dinheiro. Então, ele deixou a gente no aeroporto por volta de umas três horas e pegamos o voo. Depois disso, o plantão dele venceu, o outro guarda entrou e liberou a gente. A gente fez uma viagem de ônibus que demorou 17 horas. E essa daí foi um dos piores perrengues que

eu vi mesmo, porque o ônibus foi parado. E numa estrada... é igual a gente vê na internet, na televisão. É deserta mesmo. E uns caras todo de preto, sujo, querendo dinheiro, revistou as bolsas, revistou tudo. Só que eu tinha escondido dinheiro, né? Então eu deixei só 100 pesos na minha bolsa para ele ver. Porque a pessoa já tinha me instruído a isso. O resto do meu dinheiro estava guardado. Então ele não me revistou, só revistou minha bolsa. Ele viu que eu tava de sapato aberto, então não tinha porquê, porque os homens ele pediu para tirar tênis, meia... Um homem que deixou o dinheiro na meia... pegaram tudo, a pessoa ficou sem dinheiro.” (Entrevista confidencial, 2025)

Antes da travessia, os migrantes são alojados em casas ou abrigos temporários próximos à fronteira. As condições nesses locais costumam ser precárias: ambientes superlotados, higiene comprometida, alimentos limitados e pouca privacidade. Essa etapa serve tanto para organizar o grupo quanto para coordenar o momento exato da travessia, que muitas vezes ocorre durante a noite ou em horários de menor fiscalização. A entrevistada aponta:

“[...] Essa viagem foi a mais longa, aí quando nós chegamos na estação, foi para um outro hotel, aí nesse outro hotel fiquei lá um dia e meio e depois eu fui para a travessia, só que na travessia, antes mesmo de atravessar eles colocaram a gente em uma casa muito suja, muito suja, caindo aos pedaços, tipo um barracão mesmo, cheio de roupa, mala, é... tipo, [de] pessoas que não dá tempo de carregar, sabe? Porque eles vêm na pressa para você sair correndo, logo. Então, muito empoeirada. O banheiro... a casa fedia, o banheiro fedia. Então, eu fiquei das 10 da manhã até às 11h30 para ser exata, porque eu lembro perfeitamente dentro dessa casa. E a única coisa que eles deram para comer foi um pão de sal com presunto, que não é presunto, sabe, e refrigerante.” (Entrevista confidencial, 2025)

A travessia em si é um processo rápido, porém arriscado. Os migrantes são transportados em veículos como carros ou até mesmo em porta-malas de viaturas improvisadas, enfrentando superlotação e desconforto extremo. Em seguida, ocorre o deslocamento final até o ponto onde é possível acessar o território americano. Dependendo da rota, pode ser necessário correr por trechos de areia ou atravessar rios, evitando agentes de fiscalização e barreiras físicas. Como é relatado pela entrevistada:

“E aí, na hora de atravessar, eles pegaram e colocaram a gente no carro. Aí, no Brasil, antes, tínhamos, tipo, essas viaturas, camburão que falavam, não sei. Tinha uns carros aí no Brasil antigamente da polícia, que era

estilo daqui. Só que, na casa, tinha umas 50 pessoas, e eles colocavam dez, muita gente em cima da outra, sabe. Tanto que o meu... meu ex, o [...], ele meio que tenta ficar por cima para eu me proteger, na hora do cara fechar a porta, sabe, porque a gente estava no porta-malas, cheio de gente, cara, cheio de gente. E aí essa viagem de carro demorou uns poucos minutos. Aí, nós descemos, e já, logo em seguida, já seria a travessia, né. O negócio (fronteira) dos Estados Unidos já estava do outro lado, então a gente só deu uma corridinha na areia, subiu a pontezinha. [...] Então, eu não passei por água, as pessoas andam muito e não passei. Só que chegando lá no portão da imigração, aí lá eu fiquei a noite toda, eles só me buscaram seis horas da manhã, eu fiquei a noite toda no frio, no frio, a gente fez fogueira, mas não tinha mais nada para ficar mantendo a fogueira sabe, um sono frio. Aí seis horas da manhã veio, buscou a gente né, aí a gente foi onde separa homens de mulher, família, manda você jogar cadastro fora, se você estiver de acessórios, manda tirar tudo, aí você guarda todos os seus pertences e segue para a imigração daqui, né, a imigração daqui vai, recolhe suas informações, te deixa numa tenda e aí faz o processo todo.” (Entrevista confidencial, 2025)

Após a travessia, os migrantes são frequentemente recebidos em áreas próximas à fronteira, onde aguardam a chegada de autoridades migratórias ou são encaminhados para centros de registro. Nessa etapa, homens, mulheres e famílias são separados, os documentos são verificados, informações pessoais são coletadas e os pertences são revisados. O processo é burocrático e rígido, mas garante a formalização da entrada no país.

A Lei de Imigração e Nacionalidade (INA) confere ao Secretário de Segurança Interna a liberdade para permitir temporariamente que certos não cidadãos entrem ou permaneçam nos Estados Unidos, mesmo sem uma base legal formal para admissão, desde que existam “razões humanitárias urgentes” ou “benefícios públicos significativos”, segundo o American Immigration Council. Essa permissão, conhecida como liberdade condicional, é concedida por períodos limitados e não equivale a um status migratório formal, sendo exigido que o imigrante deixe o país ao final do período autorizado, a menos que haja alteração do seu status legal no país.

Embora a lei não defina especificamente o que constitui uma “razão humanitária urgente”, o Serviço de Cidadania e Imigração dos Estados Unidos (USCIS) considera fatores como a urgência da situação e o potencial sofrimento caso a liberdade condicional não seja concedida. Exemplos incluem tratamento médico crítico, doação de órgãos, cuidado a parentes

doentes, participação em funerais ou proteção contra danos direcionados, demonstrando que a liberdade condicional busca atender a necessidades humanitárias imediatas sem conferir uma admissão formal no país. Como relata um dos entrevistados:

“Tem gente que chega lá, cada um com uma história, sabe? Pedindo asilo, fala que está passando necessidade no Brasil, fala que está sendo ameaçado, essas coisas. Tem gente que conta com a sorte, arruma um advogado e consegue sair, mas tem que ficar indo na corte todo mês pro pessoal ver como você está. [...] Pra você ter uma ideia eu já vi história de hetero chegar lá e falar que é homossexual e está sofrendo perseguição no Brasil e conseguir asilo no país.” (Entrevista confidencial, 2025)

E, como complementa outra entrevistada:

“Quando a gente chega, tem que ter um número de contato, com endereço daqui de dentro. Aí eles ligaram pra ele perto de mim e pergunta se ele vai receber a gente e tal. Ele falou que autorizou. Aí ele manda providenciar a passagem de avião, aí libera a gente. Eles estavam monitorando a gente pelo telefone. Deram um telefone para o [...], que era o chefe da família. Aí todo dia, 10h00, ele tinha que fazer o reconhecimento facial e tinha um perímetro para ele rodar. Ele não podia passar desse perímetro [...].

[...] O meu documento estava errado. Deu um problema danado. Eu estava com uma carta de deportação, mas não era para mim. Aí o processo foi arquivado. Aí eu não precisei fazer essa apresentação semanal.” (Entrevista confidencial, 2025)

Em suma, a análise do processo migratório irregular, a partir dos relatos apresentados, revela uma complexa intersecção entre redes clandestinas e sistemas burocráticos estatais. Os migrantes são forçados a navegar em um ambiente repleto de informalidade, desconfiança e perigo, seja representados pelas ameaças humanas ou físicas. Paradoxalmente, como um meio para alcançar a formalidade do sistema migratório americano, a jornada ilegal culmina na entrega voluntária a esse mesmo sistema, onde a luta por permanência se desloca do campo físico para o legal, dependendo de figuras incertas e da capacidade de construir uma narrativa humanitária convincente perante as autoridades.

Capítulo 5: Expectativa x Realidade

A decisão de migrar, no contexto de Governador Valadares, raramente se origina de um cálculo puramente individual e isolado. Como mencionado anteriormente, ela emerge de um denso campo de significados, um imaginário coletivo que, ao longo de décadas, se consolidou como uma psicosfera. A expectativa do migrante valadarense não é, portanto, um desejo espontâneo, mas um poderoso construto social, um pilar dessa psicosfera local que formata válida aspirações.

No cerne deste imaginário reside o "sonho americano", uma narrativa que funciona como um dispositivo simbólico de enorme eficácia. Alimentado por mais de meio século de relatos de sucesso, transmitidos por cartas, telefonemas e, mais recentemente, pelas redes sociais, o sonho se associa a ideias de progresso, meritocracia e liberdade individual, oferecendo uma promessa de ascensão que parece inatingível no contexto de origem. A representação social dominante da migração é a de uma alternativa viável para a melhoria das condições econômicas.

Este imaginário não permanece no plano abstrato. Ele se materializa de forma contundente na tecnosfera da cidade, que funciona como um reforço constante da viabilidade do sonho. Essa materialidade cria um ciclo de retroalimentação: a presença simbólica e econômica dos EUA na cidade nutre o desejo de migrar, que, por sua vez, reforça essa mesma presença através do fluxo contínuo de pessoas e capital. Contudo, a força mobilizadora dessa psicosfera reside precisamente em seu poder de simplificação. Para se tornar um ideal tão potente, o "sonho americano" precisa operar como um discurso que nega a complexidade, a contradição e, fundamentalmente, a alteridade. Ele reduz um país inteiro e um processo migratório multifacetado a um conjunto de símbolos positivos e facilmente consumíveis, projetando um futuro de integração e sucesso linear.

Os Estados Unidos emergem no imaginário não como uma sociedade complexa, com suas próprias fraturas sociais e econômicas, racismo e xenofobia, mas como um "espaço luminoso" de oportunidades. A brutalidade da travessia ilegal, os desafios da clandestinidade e a precariedade do trabalho são ofuscados pela narrativa hegemônica de sucesso. Deste modo, a expectativa é, desde sua origem, um ato de não reconhecimento do outro em sua totalidade. O migrante não parte para encontrar uma realidade desconhecida, mas para se inserir em uma fantasia pré-fabricada sobre essa realidade. O choque com o real, portanto, não é um mero desapontamento; é o colapso inevitável de uma visão de mundo construída sobre a negação da alteridade.

Ao desembarcar no território do sonho, o migrante de Governador Valadares se depara com uma realidade que subverte drasticamente suas expectativas. A experiência vivida nos Estados Unidos pode ser analisada sob a lente teórica de Tzvetan Todorov, que, em sua obra “A conquista da América: a questão do outro”, descreve os mecanismos de percepção e negação da alteridade no encontro colonial. Todorov argumenta que Colombo, ao chegar ao Novo Mundo, "descobriu a América, mas não os americanos". Os nativos foram percebidos não como sujeitos plenos, com sua própria cultura e humanidade, mas como parte da paisagem exótica ou como instrumentos para os fins do colonizador; seres a serem assimilados ou explorados. Essa falha em reconhecer o outro como um sujeito igual, em sua plena diferença, constitui o que se pode chamar de "alteridade negada".

A realidade do migrante valadarense espelha, em um contexto contemporâneo, essa mesma dinâmica de negação. Ele parte com a expectativa de se tornar um sujeito de sucesso, o protagonista de sua própria história de superação. No entanto, a sociedade de acolhimento frequentemente o confronta com um processo de objetificação. Ele deixa de ser um indivíduo com uma história, sonhos e complexidades para ser reduzido a uma categoria: o trabalhador ilegal, a mão de obra barata, o imigrante. Sua humanidade é concebida por sua função econômica em um mercado de trabalho secundário, marcado pela informalidade, precariedade e invisibilidade, como é o caso de muitas mulheres que atuam como “housecleaners” ou “babysitters”, a faxineira ou a babá. A sua presença é tolerada na medida de sua utilidade, mas sua subjetividade é sistematicamente ignorada.

Esse processo de desumanização começa muito antes da chegada, na própria travessia. Os relatos sobre a jornada ilegal, mediados por "coiotes", revelam um tratamento que coisifica o ser humano, transformando-o em mercadoria. Ser transportado em porta-malas de carros, em condições de superlotação e extremo desconforto, sujeito à violência e à extorsão, constitui um ritual de passagem brutal que nega a dignidade e a integridade do sujeito, ao passo que tudo isso é relevado e validado pela expectativa do que há por vir. Ao chegar, o sistema burocrático migratório perpetua essa lógica. Mesmo quando oferece a liberdade condicional (*parole*), ele opera como um mecanismo de controle, não de reconhecimento. O migrante é compelido a construir e performar uma narrativa humanitária convincente, um cidadão de boa índole, instrumentalizando seu próprio sofrimento para se encaixar nas categorias pré-definidas pelo Estado. Ele não é escutado como um sujeito em sua singularidade, mas avaliado como um caso a ser administrado.

Nesse sentido, a experiência migratória pode ser compreendida como uma conquista da subjetividade. A luta do migrante é, não somente pelo território físico, mas, como na conquista colonial, pelo direito fundamental de ser reconhecido como um sujeito integral. A realidade que se choca com a expectativa é a de um complexo social e burocrático que sistematicamente nega essa subjetividade. A batalha se torna, então, semiótica. Os signos que o definem na sociedade de acolhimento; ilegal, latino, "undocumented", o aprisionam em uma identidade imposta, que apaga sua história pessoal. A dificuldade com a língua inglesa, frequentemente citada como um obstáculo, transcende a barreira prática; ela é uma barreira simbólica que limita a capacidade do migrante de se expressar, de se nomear, de afirmar sua própria narrativa contra aquela que lhe é imposta. A realidade da migração se revela, assim, como uma luta constante contra a aniquilação simbólica, uma tentativa diária de se re-humanizar em um contexto que o objetiva. O sonho era sobre se tornar alguém; a realidade é uma luta para não se tornar invisível ou, pior, apenas um estereótipo.

O impacto da alteridade negada não se restringe à esfera social; ele reverbera profundamente no plano psíquico, desencadeando uma crise de identidade que transforma o migrante em um estrangeiro para si mesmo. A obra "Estrangeiros para Nós Mesmos", da filósofa e psicanalista Julia Kristeva, oferece o instrumental necessário para compreender essa fratura interna. Kristeva argumenta que a figura do estrangeiro externo, aquele que vem de fora, nos perturba porque ele é um reflexo da nossa própria estranheza interior, a parte de nós que não conhecemos, o inconsciente, "o estranho que habita em nós". A forma como uma sociedade trata seus estrangeiros revela, em última análise, como ela lida com a alteridade dentro de si mesma. Para o migrante, a experiência externa de ser incessantemente tratado como "outro" força um confronto doloroso com essa dimensão interna, resultando em uma identidade fragmentada.

O sujeito valadarense, ao ser constantemente definido pela sua condição de estrangeiro, começa a internalizar essa exclusão. Ele passa a viver em uma "tensão constante entre pertencimento e estranhamento", um estado liminar onde não se sente plenamente em casa em lugar nenhum. Essa tensão é a manifestação psíquica da fratura identitária. Ele habita um entre-espaço, não pertencendo mais inteiramente ao Brasil, pois a experiência o transformou de maneira permanentemente, mas muito menos sendo plenamente aceito nos Estados Unidos. Sua identidade, antes percebida como estável e ancorada em uma comunidade de origem, se torna, nas palavras de Kristeva, um "sujeito em processo", em constante e dolorosa negociação. O

custo psicológico dessa condição é imenso. A realidade da migração é marcada por um sofrimento psíquico agudo e multifacetado.

A saudade, um sentimento onipresente nas entrevistas, emerge como um sintoma proeminente. Contudo, ela representa muito mais do que a simples falta da família ou do país; ela simboliza a perda de um universo de referências, de um sistema simbólico que sustentava a identidade do sujeito. A este sentimento é somado o "medo constante da deportação", que gera um estado de ansiedade crônica, a insegurança, a depressão e, em muitos casos, traumas profundos que podem se estender por gerações. A ameaça real ou percebida de separação familiar e a instabilidade de um status legal precário criam um ambiente de estresse contínuo que afeta fundamentalmente a saúde mental. A partir da perspectiva de Kristeva, a saudade pode ser interpretada de forma ainda mais profunda, transcendendo a nostalgia para se aproximar da melancolia.

Em suas análises sobre a depressão, Kristeva descreve a melancolia como um luto impossível, um luto não por um objeto externo perdido, mas por uma perda que se inscreve no próprio eu. O migrante não perde apenas sua casa, enquanto espaço físico, mas como um sistema simbólico que lhe conferia sentido e uma identidade coesa. A experiência de ser um estrangeiro nos EUA o impede de construir uma nova identidade estável que “substitua” a anterior, deixando-o aprisionado nesse estado liminar. A saudade, nesse contexto, não é apenas "sentir falta do Brasil". Ela é o sintoma de uma “ferida narcísica”², o luto por um ideal de si mesmo que foi estilhaçado pelo encontro brutal com a realidade da alteridade. O migrante sente falta não apenas de onde ele era, mas, fundamentalmente, de quem ele era antes da fratura. O "sonho americano" prometia uma adição ao eu, uma expansão de suas possibilidades. A realidade, contudo, impôs uma subtração, uma perda simbólica que o dinheiro, por si só, não pode reparar.

A síntese das análises de Todorov e Kristeva revela a condição trágica do migrante. O mecanismo externo de exclusão social, descrito por Todorov, e a consequente fratura interna da identidade, explorada por Kristeva, convergem para produzir um estado de "dupla ausência". Este conceito, cunhado pelo sociólogo Abdelmalek Sayad, descreve a situação do emigrante que não está mais plenamente presente em sua sociedade de origem, mas também não está plenamente integrado na sociedade de acolhimento. Ele está fisicamente ausente de casa e

² Termo psicanalítico que se refere ao sofrimento causado por uma crítica, perda ou decepção que abala a autoestima e o senso de grandiosidade do indivíduo.

simbolicamente ausente, negado, no novo país. O "sonho americano", mesmo quando parcialmente realizado em termos materiais, cobra um preço simbólico altíssimo: a perda de um lugar no mundo. O migrante vive, portanto, em uma condição de "nem aqui, nem lá". As estratégias de manutenção de vínculos, como a comunicação frequente com a família e o envio de remessas, são mais do que meros gestos de afeto ou obrigação; são tentativas de manter uma presença simbólica na comunidade de origem, de lutar contra a ausência física e o esquecimento.

Contudo, a invisibilidade social e a negação de sua subjetividade nos Estados Unidos reforçam sua ausência simbólica no novo país. Ele existe como força de trabalho, mas não como cidadão; como corpo, mas não como sujeito. O desejo de retorno, embora constante e muitas vezes idealizado, revela a profundidade desse dilema. Retornar não necessariamente significa simplesmente reverter o processo. A experiência migratória transforma o indivíduo de forma irreversível. Muitos dos que retornam enfrentam enormes dificuldades de readaptação, pois o país que deixaram para trás já não é o mesmo, e, mais importante, eles próprios já não são os mesmos. Paradoxalmente, o migrante que retorna pode se descobrir um estrangeiro em sua própria terra, alienado das novas dinâmicas sociais, ou mesmo alienado com as dinâmicas aprendidas no país estrangeiro, e carregando uma bagagem de experiências que seus conterrâneos não podem compreender.

A materialização mais evidente do lado sombrio do sonho é a recente criação de serviços de apoio à deportados em Governador Valadares. A mesma cidade que construiu sua identidade e economia na exportação de pessoas agora se vê na contingência de gerenciar o retorno daqueles para quem o sonho se desfez em pesadelo. A placa que anuncia "Seu retorno é o início de uma nova história" é um símbolo potente da complexidade desse fenômeno, uma tentativa de ressignificar o que é, para muitos, uma experiência de fracasso e trauma. Diante da persistência do fluxo migratório, apesar dos custos evidentes, a cultura da migração de Governador Valadares revela sua faceta mais complexa: a de um sistema de sacrifício. A comunidade, como um todo, beneficia-se economicamente das remessas que fomentam a economia local. Para que este sistema continue a se reproduzir, o imaginário coletivo do "sonho" precisa ser mantido vivo. Nesse arranjo, o sofrimento individual do migrante: sua saudade, sua alienação, a fratura de sua identidade, se torna o preço necessário, o sacrifício que deve ser pago para que o sistema continue funcionando e o ideal coletivo permaneça como um horizonte possível. O migrante se torna, simultaneamente, um herói e uma vítima, cujo sacrifício pessoal valida e perpetua a própria psicosfera que o impeliu a partir. A realidade de um indivíduo é,

assim, subsumida pela expectativa contínua da coletividade, em um ciclo que entrelaça de forma complicada o sonho e o trauma.

Figura 8



Placa anuncia serviços para deportados dos EUA em Governador Valadares — Foto: Ana Caroline de Lima/Bloomberg

CONCLUSÃO

A análise do fluxo migratório entre Governador Valadares e os Estados Unidos demonstra um fenômeno social que ultrapassa as métricas puramente econômicas. A solidificação desse movimento ao longo de décadas não pode ser compreendida apenas por fatores de repulsão e atração, mas deve ser investigada como uma prática cultural enraizada, sustentada por um imaginário coletivo.

Neste contexto, o conceito de psicosfera, desenvolvido pelo geógrafo Milton Santos, surge como uma ferramenta teórica fundamental. A psicosfera é definida como o "reino das idéias, crenças, paixões e lugar da produção de um sentido", uma dimensão imaterial que nutre o imaginário e modela as regras para a racionalidade. A emigração valadarense, portanto, é aqui entendida como um fenômeno do qual sua constância é garantida por uma psicosfera local que naturaliza a migração como um projeto de vida legítimo, socialmente validado e desejável. Esta psicosfera não opera no vácuo; ela se articula dialeticamente com a tecnosfera, a dimensão material do espaço. Em Governador Valadares, a materialidade da cultura migratória é presente e constitui manifestações que reforçam continuamente o "sonho americano" como uma possibilidade tangível. Essa interação entre o imaterial e o material, cria um ciclo de retroalimentação que solidifica a migração como um pilar que, não necessariamente define a identidade, mas que faz parte dela e da economia da cidade.

É das relações sociais que a psicosfera extrai sua essência. Elas funcionam como um combustível para a aspiração individual, que opera também como um dispositivo simbólico. As narrativas de sucesso associam a migração a ideias de progresso, mérito e ascensão social, conferindo status àqueles que migram e, principalmente, aos que retornam com capital e/ou bens adquiridos. A decisão de migrar, nesse contexto, é o balanço entre uma escolha racional e o resultado de um habitus migratório, conceito de Pierre Bourdieu que se refere a um sistema de disposições socialmente internalizadas que orientam percepções e práticas. O habitus torna a jornada, mesmo que desafiadora e ilegal, uma ação percebida como lógica.

A profundidade com que essa psicosfera transnacional se enraizou na consciência local é evidenciada pela presença de outdoors de campanha para Donald Trump e Kamala Harris durante a corrida presidencial norte-americana de 2024. Este fato sinaliza uma transnacionalização da consciência política em parte da esfera municipal. A economia de Governador Valadares é substancialmente influenciada pelas remessas de dólares enviadas por emigrantes, e o bem-estar de milhares de famílias depende diretamente das políticas de

imigração dos Estados Unidos. Consequentemente, uma eleição presidencial americana deixa de ser um evento estrangeiro para se tornar uma questão de preocupação local imediata, impactando projetos de vida, investimentos e a estabilidade financeira da comunidade. A psicosfera valadareense se expandiu a tal ponto que o debate político de outra nação é internalizado e disputado no espaço público da cidade, desafiando noções tradicionais de cidadania e pertencimento nacional. “É o famoso complexo de vira-lata”, afirma Sueli Siqueira. “Achar que tudo de lá é melhor que o daqui. Essa cultura da emigração reforça isso” Para uma parcela significativa da população, o futuro da região parece ser decidido mais em Washington do que em Brasília.

A força mobilizadora da psicosfera valadareense reside em seu poder de simplificação. O discurso opera de forma a ofuscar a complexidade, a contradição e, fundamentalmente, a alteridade. O migrante parte para se inserir em uma fantasia pré-fabricada de sucesso e integração. O choque com a realidade, portanto, representa o colapso de uma visão de mundo construída sobre a negação do outro. A experiência vivida nos Estados Unidos pode ser analisada através do referencial teórico de Tzvetan Todorov que, de maneira análoga ao seu exemplo em "A conquista da América: a questão do outro", o migrante valadareense é frequentemente confrontado com um processo de objetificação. Ele deixa de ser um indivíduo com história e complexidades para ser reduzido a uma categoria definida por sua função econômica ou status legal: "a faxineira", "o trabalhador da construção civil", "o ilegal". Sua subjetividade é sistematicamente ignorada, e sua presença é tolerada apenas na medida de sua utilidade em um mercado de trabalho secundário, marcado pela precariedade e invisibilidade. Um exemplo contundente disso ocorreu no programa de televisão "The View", exibido diariamente pela rede americana ABC. Na ocasião, uma das convidadas, ao discutir sobre as deportações em massa, questionou: “Se você chutar todos os latinos para fora deste país, então quem irá limpar sua privada, Donald Trump?”. Essa fala revela que, mesmo ao tentar “defender” os imigrantes, parte dos estadunidenses não os enxerga como pessoas, mas sim como mão de obra barata e coisificada.

Esse processo de "alteridade negada" inicia-se na própria travessia e é perpetuada pelo sistema burocrático migratório que, mesmo ao conceder uma liberdade condicional, exige que o migrante performe uma narrativa de sofrimento para se encaixar em categorias pré-definidas pelo Estado, instrumentalizando sua própria dor em troca de permanência. A realidade que se impõe é marcada por um trabalho mais intenso e precarizado, pelo medo constante da deportação, pelo racismo, pela xenofobia e pelo isolamento social. O trabalho doméstico, por

exemplo, ocupação comum entre mulheres migrantes, é definido pela informalidade e invisibilidade, encapsulando a redução do indivíduo a um papel funcional e socialmente marginalizado. O temor de buscar serviços essenciais, como atendimento médico, por medo da conta hospitalar ou de uma denúncia às autoridades de imigração, agrava essa condição de vulnerabilidade e exclusão. A fronteira entre o México e os Estados Unidos, rota utilizada por muitos desses migrantes, funciona não apenas como uma barreira geográfica, mas como um território necropolítico onde o poder estatal dita, através de suas políticas de controle e negligência, quem pode viver e quem deve morrer. A travessia é marcada por perigos extremos, incluindo violência, extorsão, abandono e morte por exaustão ou desidratação. A disposição do migrante em adentrar voluntariamente esse espaço letal não sinaliza uma falha de cálculo, mas sim a força avassaladora da psicosfera do "sonho", ou o desespero para a ascensão econômica, que na maior parte das vezes não vem.

O impacto da alteridade negada reverbera profundamente no plano psíquico, desencadeando uma crise existencial que transforma o migrante em um estrangeiro para si mesmo. A filósofa Julia Kristeva, em "Estrangeiros para Nós Mesmos", argumenta que a figura do estrangeiro externo nos perturba por refletir nossa própria estranheza interior. Para o migrante, a experiência de ser incessantemente tratado como "outro" força um doloroso confronto com essa dimensão, resultando em uma identidade fragmentada. A luta primária do migrante é contra um profundo sentimento de deslocamento que fratura sua identidade. A "tensão constante entre pertencimento e estranhamento" descrita nos relatos dos entrevistados ecoa o conceito de "dupla ausência" do sociólogo Abdelmalek Sayad. O migrante está fisicamente ausente de sua sociedade de origem e, ao mesmo tempo, simbolicamente ausente na sociedade de acolhimento, onde não é reconhecido como um sujeito pleno. Ele fica aprisionado em um estado liminar, uma condição que se torna uma característica definidora de sua existência.

Este sentimento é frequentemente a porta de entrada para um "luto migratório" mais profundo, que pode se manifestar em ansiedade, depressão e trauma. A experiência de ser um estrangeiro impede a construção de uma nova identidade estável, aprisionando o indivíduo nesse estado liminar. A saudade, nesse contexto, não é apenas "sentir falta do Brasil", mas o sintoma de uma "ferida narcísica", o luto por um ideal de si mesmo que foi estilhaçado pelo encontro com a realidade da alteridade. O "sonho americano" prometia uma adição ao eu, mas a realidade impôs uma subtração simbólica que o ganho material, por si só, não consegue reparar.

O migrante ocupa um papel duplo e paradoxal. Para a família e a comunidade em Governador Valadares, ele é um herói, um provedor cujas remessas constroem casas, financiam negócios e sustentam a economia local. Sua jornada é celebrada como um ato de coragem. Contudo, em sua realidade vivida nos Estados Unidos ele é, frequentemente, uma vítima de um sistema exploratório, invisível e precário. Essa dualidade é crucial: a narrativa do heroísmo, amplificada pela psicosfera, serve para obscurecer a realidade da vitimização, permitindo que a comunidade celebre os ganhos econômicos enquanto minimiza ou ignora o custo humano.

O fenômeno do "retorno frustrado" é a prova mais contundente desse sistema sacrificial. Muitos migrantes que retornam com capital e a intenção de se restabelecer no Brasil enfrentam dificuldades de readaptação ou fracassam em seus empreendimentos, sendo forçados a emigrar novamente. Isso demonstra que a fratura identitária é, muitas vezes, permanente. De forma ainda mais explícita, a recente criação de um "Serviço de Apoio ao Valadarense em Situação de Deportação" pela prefeitura local é um símbolo forte. A mesma cidade que construiu uma indústria para exportar seus cidadãos agora precisa criar uma infraestrutura pública para gerenciar o retorno forçado daqueles para quem o sonho se desfez. A institucionalização do fracasso revela a face sombria de um sistema que produz não apenas sucesso, mas também um contingente crescente de vidas desestruturadas. A cultura da migração, portanto, opera como uma economia do sacrifício. Para que o sistema se perpetue, esse sofrimento não pode ser reconhecido como uma falha sistêmica. Em vez disso, ele é sutilmente reconfigurado como o sacrifício individual necessário para o bem maior da família e, conseqüentemente, da comunidade. A cultura da migração não é apenas uma cultura de esperança, mas um sistema que institucionalizou e normalizou o trauma como um componente essencial e aceitável de sua própria reprodução.

Este trabalho ofereceu uma análise dialética da cultura da migração em Governador Valadares, buscando articular as dimensões do espaço, da cultura, do habitus e da subjetividade e alteridade. O estudo demonstrou que a emigração valadarense é um fenômeno social total, enraizado em uma psicosfera que molda desejos e legitima práticas. Conclui-se que a cultura migratória local é uma construção social paradoxal, que produz simultaneamente oportunidade econômica e trauma psíquico, mobilidade social e fratura identitária, o sonho da ascensão e a realidade da desilusão. O "sonho americano", enquanto poderoso dispositivo simbólico, exige um sacrifício funcional que é pago com o bem-estar dos próprios migrantes, em um ciclo que perpetua tanto a esperança quanto o sofrimento.

A partir das conclusões apresentadas, surgem novos caminhos de pesquisa que podem aprofundar a compreensão deste e de outros fenômenos migratórios contemporâneos: 1. Estudos longitudinais sobre o trauma intergeracional: uma investigação aprofundada para compreender como o "custo psíquico" da migração, a ausência, o estresse, a deportação, afeta a identidade, as aspirações e a saúde mental dos familiares que permaneceram em Valadares ou que nasceram nos Estados Unidos, crescendo como parte da diáspora; 2. Análise comparativa de psicossferas migratórias: o modelo analítico da psicossfera pode ser utilizado para examinar outros corredores migratórios. Uma análise comparativa com outras comunidades latino-americanas permitiria identificar as particularidades e universalidades na construção dos imaginários que sustentam os fluxos migratórios globais; 3. A economia política do retorno: é importante desenvolver uma pesquisa focada na "indústria do retorno". Para além dos serviços de apoio, é preciso analisar o impacto social e econômico dos deportados no mercado de trabalho local, na segurança pública e nas dinâmicas familiares. Uma investigação sobre como os países estão, de fato, gerenciando as dinâmicas migratórias em seu próprio território revelaria as contradições finais deste complexo sistema transnacional.

Em última análise, o caso de Governador Valadares serve como um microcosmo para entender os resultados complexos e frequentes da globalização na vida cotidiana. A cidade evidencia que a mobilidade internacional em busca de oportunidades econômicas não resulta num processo linear de progresso. Pelo contrário, ela gera fraturas sociais profundas, impõe a renegociação de identidades e estabelece uma dinâmica persistente de exclusão, que afeta tanto os que migram quanto os que permanecem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APOLINÁRIO, F. **Metodologia da ciência: filosofia e prática de pesquisa**. 2a edição. São Paulo: Cengage Learning, 2012.

ANDRADE, Jo; MILAGRES, Leonardo. **Do Brasil aos EUA: Por que Governador Valadares virou polo de migração**. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2025/02/21/fascinio-pelos-eua-por-que-moradores-de-governador-valadares-veem-a-emigracao-como-opcao-para-uma-vida-melhor.ghml>>. Acesso em: 12 out. 2025.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. Tradução de Daniela Kern e Guilherme João de Freitas Teixeira. Porto Alegre: Zouk, 2019.

BOURDIEU, Pierre. **Esboço de uma teoria da prática**. Tradução de C. F. F. R. de Almeida. Oeiras: Celta, 2002.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. Tradução de Klauss Brandini Gerhardt e Roneide Venâncio Majer. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

COSTA, E.B.; VALVERDE, R. R. H. F.; GONCALVES, S. F.; QUEIROZ, P. T. Patrimônio-territorial de la migración nordestina en ferias y mercados brasileños. **Cuadernos de Geografía: Revista Colombiana de Geografía**, v. 34, p. 320-339, 2025.

ENRICONI, Louise. **A história mundial é uma história de migrações**. Politize!, 25 de junho, 2017. Disponível em: <https://www.politize.com.br/migracoes-historia-mundial/>. Acesso em: 6 de set, 2025.

ESPAÇO MEMÓRIA: Uma história que acontece todos os dias. Disponível em: <https://www.vale.com/pt/espaco-memoria>. Acesso em: 7 dez. 2024.

ESPÍNDOLA, Haruf Salmen; WENDLING, Ivan Jannotti. **Elementos biológicos na configuração do território do rio Doce**. Revista Brasileira de Geografia, v. 61, n. 1, p. 9-22, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-87752008000100009>. Acesso em: 7 dez. 2024.

FERNÁNDEZ, D. **Coiotes.** Disponível em: <<https://sites.usp.br/portalatinoamericano/espanol-coyotes>>. Acesso em: set. 2025.

FERREIRA, Ricardo Hirata. **Migrações internacionais: Brasil ou Japão. O movimento de inserção do dekassegui no espaço geográfico pelo consumo.** 2007. 177 f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) — Departamento de Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

GONÇALVES, Salete. **Migração internacional e lazer no litoral turístico potiguar.** 2018. 218 f. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Estudos do Lazer) — Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

GUIMARÃES, Lígia. **O passado rico da cidade mineira que se tornou polo de exportação de imigrantes ilegais aos EUA.** Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-51743342>. Acesso em: 7 dez. 2024.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do "fim dos territórios" à multiterritorialidade.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Panorama de Governador Valadares.** Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/governador-valadares/panorama>. Acesso em: 13 out. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Produto Interno Bruto dos Municípios.** Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/economicas/contas-nacionais/9088-produto-interno-bruto-dos-municipios.html>. Acesso em: 13 out. 2025.

KRISTEVA, Julia. **Estrangeiros para nós mesmos.** Tradução de Maria Carlota Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

Lista de Empresas de Ensino de Idiomas (P-8593-7/00) em Governador Valadares, MG -
Econodata. Disponível em:

<https://www.econodata.com.br/empresas/mg-governador-valadares/ensino-de-idiomasp-8593700?utm_source=copy-link&utm_medium=referral&utm_campaign=link-compartilhar>.

Acesso em: 23 set. 2025.

MARINS, Carolina. **Negociação em dólar e falta de trabalhadores: como a emigração remodela a economia do leste de Minas.** Disponível em: <<https://www.estadao.com.br/internacional/negociacao-em-dolar-e-falta-de-trabalhadores-como-a-emigracao-remodela-a-economia-do-leste-de-minas>>. Acesso em: 12 out. 2025.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO (PNUD). Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil. Brasília: PNUD, 2013. Disponível em: <http://www.atlasbrasil.org.br/>. Acesso em: 13 out. 2025.

RIBEIRO, Ana Clara Torres; PIQUET, Rosélia Périssé da Silva. **Matéria e Espírito: o poder (des) organizador dos meios de comunicação.** In: PIQUET, Rosélia Périssé da Silva; RIBEIRO, Ana Clara Torres (org.). Brasil, território da desigualdade. Rio de Janeiro: Zahar, 1991. p. 44-55.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção.** 4. ed., 2. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SANTOS, Milton. **Da cultura à indústria cultural.** Folha de São Paulo, São Paulo, 19 de mar de 2000. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1903200006.htm>. Acesso em: 29 abr. 2025.

SAYAD, Abdelmalek. **A Dupla Ausência: Das Ilusões do Emigrado às Sofrimentos do Imigrado.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

SILVA, L.; FRANK, B. (EDS.). **Psicosfera: Contribuições Teóricas a Partir De Investigações Geográficas.** 1. ed. Porto Alegre, RS: Totalbooks, 2023.

SIQUEIRA, Sueli. **Emigração Internacional e seus Impactos no Desenvolvimento Econômico na Microrregião de Governador Valadares.** Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Minas Gerais – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2006.

SIQUEIRA, Sueli. Entrevista concedida a Lígia Guimarães, BBC. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-51743342> Acesso em: 7 dez. 2024.

TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América: a questão do outro.** Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

TODOROV, Tzvetan. **O medo dos bárbaros: para além do choque de civilizações.**

Tradução de Caio Meira. Petrópolis: Vozes, 2011.

VALVERDE, Rodrigo R.H.F. **O jogo da amarelinha: saltos para a institucionalização da geografia cultural no Brasil.** São Paulo: FFLCH/USP, 2024.

VALVERDE, Rodrigo R.H.F. Transformações da Feira de São Cristovão: recriando o lugar do migrante. **Revista Mercator (UFC)** v. 10, p. 81-90, 2011.

VALVERDE, Rodrigo R.H.F. Transformações no conceito de território: competição e mobilidade na cidade. **GEOUSP - Espaço e Tempo**, São Paulo, p. 119-126, 2004.

ANEXOS

Questionário das Entrevistas

1. Em que ano você migrou para os EUA e por qual motivo?
2. Com o que você trabalhava antes de se migrar e com o que trabalha agora?
3. Você mantém os mesmos hábitos culturais?
4. Neste sentido, o que melhorou e o que piorou?
5. Tem intenção de retornar?
6. Qual seria o principal motivo?
7. Descreva como é o processo da travessia.
8. Você iria se já não houvesse pessoas conhecidas que foram?
9. O que diria para alguém que deseja migrar como você?
10. Como você imagina que é percebida(o) enquanto imigrante?
11. Você acha que o cenário político atual mudou a forma como você vive?